



CONTRIA-CORRENTE

A análise da conjuntura econômica na visão e linguagem do sindicalismo classista e dos movimentos sociais

Boletim quinzenal de conjuntura econômica do ILAESE

Ano 01, Nº 03 - 18/junho/2011

Endividamento dos trabalhadores é recorde

A política de juros altos adotada desde o governo FHC e seguida por Lula e Dilma tem resultado em endividamento recorde dos trabalhadores

Discutimos em este boletim anterior as causas da inflação.

Procuramos mostrar que a inflação é, principalmente, decorrente da especulação financeira com os alimentos e outros produtos primários (como petróleo e minério de ferro) e reajustes de serviços controlados pelos governos (como energia elétrica, água, telefonia e transporte).

No entanto, contrariamente a este cenário, vimos que o governo quer convencer a população de que estaríamos vivendo uma “inflação de demanda”, ou seja, causada pelo aumento do consumo e da renda dos trabalhadores. Com

este discurso, o governo procura justificar a sua política de juros altos, corte de gastos e de arrocho salarial.

Neste boletim, nosso objetivo é analisar uma das consequências da política de juros altos para o trabalhador: o seu endividamento recorde.

Brasil: campeão dos juros altos

Assim como qualquer trabalhador que faz um empréstimo, o governo também paga juros quando ele precisa de dinheiro. Para conseguir recursos, ele vende títulos da dívida pública para investidores do mercado financeiro a uma determinada taxa de juros, chamada de

taxa SELIC. Só nos últimos meses, o governo aumentou a taxa SELIC em 1,50%, alcançando o nível de 12,25% ao ano. Com estes aumentos, o Brasil volta a ser o país com a maior taxa de juros do mundo (veja tabela ao lado).

Quais as consequências de taxas de juros tão altas? As mais importantes são:

- 1) Impõem uma elevação da exploração do trabalho;
- 2) Subordina o Estado e seus recursos públicos a capitais parasitários;
- 3) Resulta no endividamento do trabalhador.

Neste boletim, trataremos apenas do último tema, abordando os outros nas próximas edições.

Taxa de juros no mundo

Brasil	12,25%
Argentina	11,15%
Rússia	8,25%
Índia	7,25%
China	6,06%
México	4,50%
União Europeia	1,25%
Inglaterra	0,50%
EUA	0,25%
Japão	0,10%

Fonte:

www.brasil.economico.com.br

Taxa de juros e endividamento dos trabalhadores

Toda vez que o governo brasileiro aumenta a taxa de juros, sempre é concedido um espaço na imprensa para os industriais (geralmente o presidente da FIESP) e para algum sindicalista dócil (geralmente da CUT) para comentarem o assunto.

De posse de sua fantasia de produtor, o primeiro repete o discurso tradicional de que os juros altos desestimulam o crescimento econômico etc etc. Em seguida, o sindicalista fala exatamente a mesma coisa. Terminada a aparição na televisão, o industrial sai do palco e vai cuidar das operações *financeiras* das suas indústrias e o sindicalista da CUT abre uma empresa de consultoria financeira.

Diferente do discurso do industrial, mesmo as empresas não-financeiras (indústrias, por exemplo) estão se favorecendo da política de juros altos. Atraídos pela grande valorização dos investimentos financeiros no mundo todo e pela elevação da taxa de juros no país, cada vez mais empresas não-financeiras usam seu capital não para investir no setor

produtivo, mas para comprar ações, criar empresas de financiamento, adquirir títulos e outros produtos financeiros nas bolsas de valores no mundo todo.

Podemos chamar este processo de **financeirização de empresas não-financeiras**. Isto significa que, mesmo nas indústrias, uma parte cada vez maior dos seus lucros não provém da criação de nova riqueza; ao contrário, é simples transferência de capital por meio de negócios financeiros.

A financeirização das

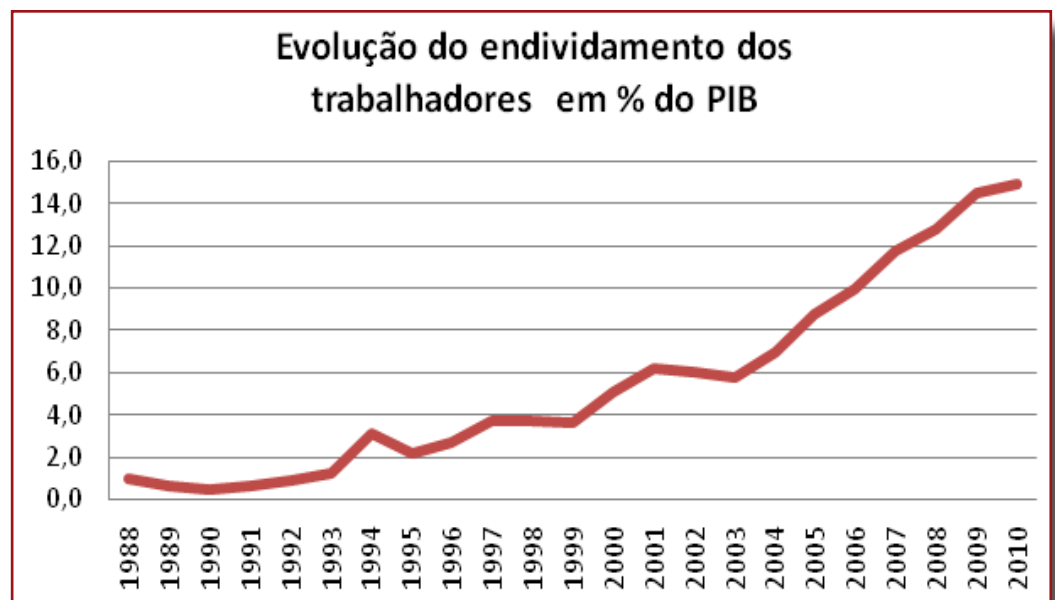
empresas também ocorre bastante com grandes lojas do varejo, como supermercados, lojas de vestuário e de produtos eletro-eletrônicos. Empresas como Casas Bahia, por exemplo, talvez consigam maiores ganhos com os financiamentos dos produtos que vendem, do que com a venda em si do produto.

A contrapartida da financeirização, principalmente do varejo, é o endividamento do trabalhador. O gráfico abaixo mostra o crescimento impressionante do endivida-

mento do trabalhador em relação ao PIB ao longo dos últimos anos, atingindo sucessivos recordes desde 2003.

Podemos perceber que, **a partir de 1994, quando começa a política de juros altos por parte de FHC, o endividamento dos trabalhadores salta de 03% para 06% do PIB. No governo Lula, ele dá um salto ainda maior, de 06% para 15%! Com o controle da inflação e o aumento da taxa de juros em meados dos anos 90, o endividamento privado se tornou uma das estratégias para as empresas aumentarem seus rendimentos.**

O endividamento saltou de 03% para 15% do PIB nos governos FHC e Lula.



Fonte: Banco Central/Febraban. Elaboração: ILAESE.

Para onde vai a suposta “nova classe média”?

Diferente do discurso que virou lugar comum, a expansão do consumo das “classes C e D” está mais baseada no endividamento do que na expansão da renda. O gráfico seguinte mostra que apenas em 2009 o trabalhador recuperou o poder de compra que tinha em 2002, de modo que, **durante todo o governo Lula, os trabalhadores tiveram um aumento médio real de apenas de R\$ 52,00!**

Por outro lado, desde 2000 o consumo dos trabalhadores em relação ao PIB vem caindo aos poucos, enquanto que o endividamento, como já vimos, vem aumentando.

Em síntese, o endividamento dos trabalhadores se tornou uma estratégia das empresas para expansão dos seus rendimentos, se utilizando de práticas como créditos consignados, longos crediários, facilidades na aquisição de cartão de crédito, cheque-especial etc. Vale destacar que tais práticas são fortemente estimuladas pelos pró-

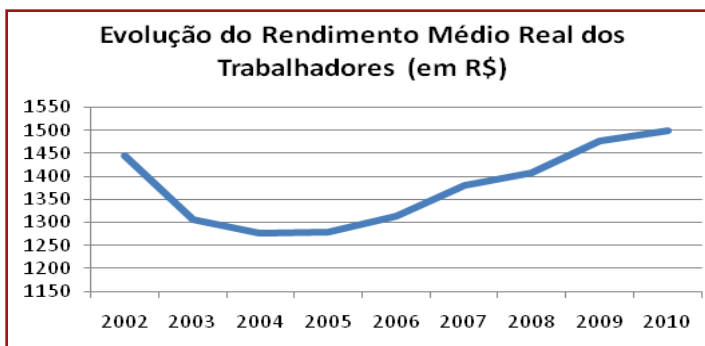
prios governos federal e estaduais, como a implantação de crédito consignado entre servidores públicos, aposentados e pensionistas.

O endividamento funciona como se fosse um tipo de parasitismo (veja próxima matéria), promovendo a transferência de parte do salário para empresas relacionadas a negócios financeiros. Tais práticas têm servido como uma maneira de compensar o fim dos ganhos que o capital financeiro conseguia com a hiper-inflação até meados dos anos 1990 e se aproveitar dos juros

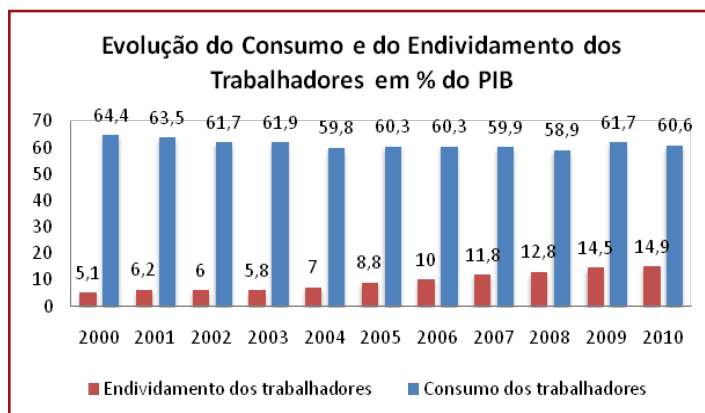
elevadíssimos a partir de então.

Para os trabalhadores, portanto, se trocou a hiper-inflação pelo endividamento. Por conta do decréscimo relativo do poder aquisitivo das principais categorias salariais, os trabalhadores passaram a fazer uso dos financiamentos para a compra de produtos essenciais para a vida, aumentando seu endividamento em um cenário de juros altos.

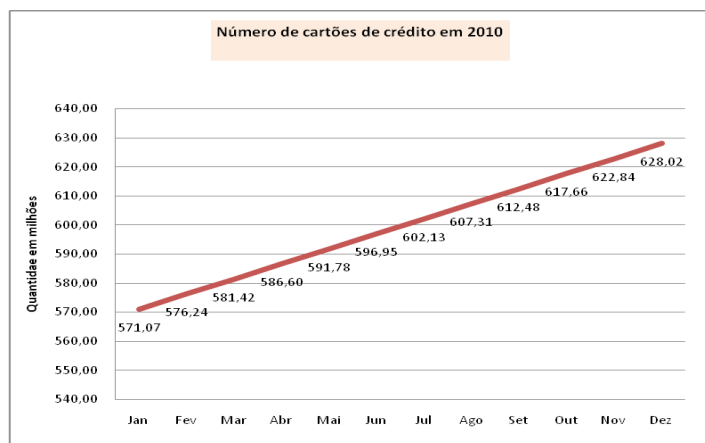
Para os trabalhadores, se trocou a hiper-inflação pelo endividamento



Fonte: IBGE – Pesquisa Mensal de Emprego (Abril de 2011). A preços de abril de 2011. Elaboração: ILAESE.



Fontes: Banco Central/Febraban; IBGE – Sistema de Contas Nacionais. Elaboração: ILAESE.



Fonte: Banco Central

Uma nova fase do capitalismo ou “ah, viver de renda...”

Qual trabalhador já não sonhou um dia em ganhar uma bolada na Mega Sena e viver de renda? Mas, como dinheiro não se multiplica sozinho, viver de renda nada mais é do que se apropriar do trabalho de outra pessoa por meio do empréstimo de dinheiro.

Nosso sortudo da Mega Sena, quando investe seu dinheiro no banco, está emprestando dinheiro ao banco a uma determinada taxa de juros. O banco, por sua vez, empresta este dinheiro a outra pessoa a uma taxa de juros ainda maior. Na linguagem dos salões, isso se chama crédito. Na linguagem das ruas, agiotagem. Em português, parasitismo.

Até os anos 1970, o crédito-agiotagem-parasitismo assumia um papel de suporte para a acumulação de capital em outros setores, porque garantia os recursos necessários para os investimentos produtivos.

Com o início das políticas neoliberais e a desregulamentação dos mercados financeiros no mundo todo, os investimentos financeiros se tornaram o próprio centro da acumulação de capital, mudando a face do capitalismo atual.

O processo de financeirização é uma das

características desta nova fase do capitalismo, aprofundando o poder do capital financeiro no conjunto da economia. **A financeirização não é simplesmente uma expansão dos negócios das indústrias ou uma diversificação dos seus investimentos, ela implica uma subordinação dos lucros das empresas não-financeiras aos negócios financeiros.**

Deste modo, o conjunto das empresas fica mais vulnerável a um mercado bastante instável. De tempos em tempos, o capital parasitário assume proporções tão grandes que coloca em risco o funcionamento do seu hospedeiro.

Um dos motivos da quebra da GM nos EUA está relacionado a isto e

no Brasil também tivemos casos parecidos. A Aracruz, empresa do ramo de papel e celulose, teve um prejuízo de cerca de R\$ 3,5 bilhões em 2008 com aplicações financeiras e a Sadia um prejuízo de R\$ 777 milhões. No caso da Sadia, a empresa quebrou e foi comprada pela Perdigão, resultando na BR Foods, a maior produtora de alimentos industrializados do país.

Em tempo, segundo matéria do site IG (“*Década de ouro faz grandes grupos crescerem 2,5 vezes além do PIB*”), publicada em 11 de maio de 2011, o lucro da BR Foods cresceu cerca de 07 vezes em apenas 01 ano, passando de R\$ 123 milhões em 2009 para R\$ 804 milhões em 2010. Até Palocci ficaria com inveja. ●

ASSINE

CONTYIA-CORRENTE

A análise da conjuntura econômica na visão e linguagem do sindicalismo classista e dos movimentos sociais

Assinatura Anual (24 edições): 5X R\$ 200
Assinatura Semestral (12 edições): 3X R\$ 200
Assinatura Trimestral (06 edições): 2X R\$ 200

EXPEDIENTE

Contra-corrente é uma publicação quinzenal elaborada pelo ILAESE para os sindicatos, oposições sindicais e movimentos sociais. Responsáveis por esta edição: Daniel Romero e Cristiano Monteiro da Silva. Praça Padre Manuel da Nóbrega, 16 - 4º andar. Sé - São Paulo-SP. CEP: 01015-000 - (11) 7552-0659 - ilaese@ilaese.org.br - www.ilaese.org.br.